

Desigualdade na pesquisa entre norte e sul global: questões metodológicas em pesquisa multicêntrica

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Cognição Musical

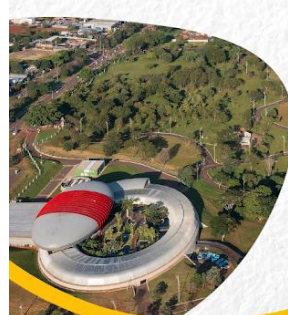
Graziela Bortz
Instituto de Artes da Unesp
graziela.bortz@unesp.br

Resumo. No Brasil, inventários e questionários usados no norte global para a realização de pesquisas em psicologia da música têm sido traduzidos, adaptados e aplicados com frequência a contextos locais. No entanto, algumas dificuldades surgem em pesquisas multicêntricas. Implicações quanto às condições estruturais disponíveis para os pesquisadores incluem financiamento, disponibilidade de laboratórios adequados, preparação de bolsistas e examinadores, qualidade dos materiais e condições de mobilidade da população-alvo. Além disso, diferentes grupos sociais respondem à pesquisa de forma diferente. Em nossa experiência, populações socialmente privilegiadas tendem a apresentar menor adesão, enquanto populações de baixa renda, apesar de suas dificuldades financeiras, aparentam a encarar a participação em pesquisas, especialmente com crianças, como uma oportunidade. Medidas de status socioeconômico também apresentam dificuldades, pois escalas apropriadas para um país não necessariamente se ajustam a diferentes realidades. Ademais, a posicionalidade dos pesquisadores apresenta questões éticas importantes, pois, não raro, estes pertencem a classes sociais privilegiadas em relação à população observada, o que pode acarretar em desconhecimento sobre hábitos, valores e limitações no cotidiano dessas populações. São objetivos deste trabalho apontar questionamentos levantados a partir de pesquisas recentes realizadas em nosso laboratório em pesquisa com colaboração internacional. Argumentamos que modelos importados do norte global apresentam limitações metodológicas que necessitam ser avaliadas e seus modelos validados para a elaboração de pesquisas quantitativas futuras que abordem populações diversas em contextos fora do eixo da chamada população WEIRD – Ocidental, Educada, Industrializada, Rica e Democrática, na tradução do termo de Henrich (2020).

Palavras-chave. Desigualdade social e música, Métodos de pesquisa, Generalização, Protocolos de pesquisa.

Title. Inequality in Research between the Global North and South: Methodological issues in Multicenter Research

Abstract. In Brazil, inventories and questionnaires used in the global North for music psychology research have been frequently translated, adapted, and applied to local contexts. However, some difficulties arise in multicenter research. Implications regarding the structural conditions available to researchers include funding, availability of adequate laboratories, preparation of fellows and examiners, quality of materials, and mobility conditions of the target population. Furthermore, different



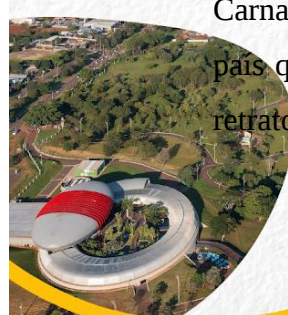
social groups respond to research differently. In our experience, socially privileged populations tend to have lower participation, while low-income populations, despite their financial difficulties, seem to view participation in research, especially with children, as an opportunity. Measures of socioeconomic status also present difficulties, as scales appropriate for a country do not necessarily adapt to different realities. Furthermore, the positionality of researchers presents important ethical issues, as they often belong to privileged social classes relative to the observed population, which can lead to a lack of knowledge about the habits, values, and limitations of the daily lives of these populations. The objective of this work is to highlight questions raised by recent research conducted in our laboratory in collaboration with international research. We argue that models imported from the global North present methodological limitations that need to be evaluated and validated for the development of future quantitative research addressing diverse populations in contexts outside the so-called WEIRD (Western, Educated, Industrialized, Rich, and Democratic) population group, as called by Henrich et al. (2020).

Keywords. Social inequality and music, Research methods, Generalization, Research protocols.

Sul e norte global

As expressões sul e norte global têm sido usadas geopoliticamente em substituição aos antigos primeiro e terceiros mundos para se referir aos países em desenvolvimento em oposição aos países economicamente centrais e com alto IDH (índice de Desenvolvimento Humano), muito embora países geograficamente localizados no sul global, como a Austrália e a Nova Zelândia, sejam incluídos como norte global (UN, 2004; 2018). Recentemente, um mapa-múndi invertido foi publicado na ocasião da celebração da presidência do Brasil no Brics campos (CAMPOS, 2025), em que a América do Sul e a África aparecem no Norte e centralizados no mapa. Afinal, a terra é redonda, e tudo depende do ponto a partir do qual se observa o globo.

Provocações à parte, MIGNOLO (2000) já havia levantado a questão sobre o que tem sido considerado ocidental, geopolítica e culturalmente, na alusão que faz a um mapa fabricado por HUNTINGTON (1997), em que os países ocidentais abrangiam a América do Norte (mas não o México), as Ilhas Malvinas, Guianas Francesa e Britânica na América do Sul, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Europa (mas não os países cristãos ortodoxos). Os demais países da África Subsaariana e a América Latina foram literalmente riscados. Nesse sentido, a última estrofe do samba-enredo vencedor do Carnaval do Rio de Janeiro em 2019 pela escola de samba da Mangueira – “Eu quero um país que não está no retrato” – ilustra bem essa ausência. Alguns países “não estão no retrato”, exceto como uma concessão – ou melhor dizendo – uma anexação. Ademais, o



que tem sido considerado como cultura ocidental é apresentado de maneira a ‘fixar’ no espaço geográfico e social (SKEGGS, 2004), de forma binária e assimétrica (FERES JR., 2023), um grupo hegemônico que aparece em oposição a um ‘outro’ estrangeiro, não-WEIRD¹ (HENRICH, 2020) e imaginário.

Ao discutir questões metodológicas nas ciências, HENRICH; HEINE e NORENZAYAN (2010) consideram que pesquisas conduzidas pela – e com – a população WEIRD têm sido consideradas como universais. Eles completam:

Uma vez que as ciências comportamentais aceitem a existência – ou a potencial existência – de ampla variação entre populações, podemos começar com o esforço mais interessante de explicar essa variação tanto nos níveis imediatos quanto finais da investigação. [...] Os programas de pesquisa precisam enfatizar cada vez mais redes de pesquisa em larga escala, altamente interdisciplinares e totalmente internacionais, que mantenham projetos de pesquisa contínuos e de longo prazo entre populações diversas, coletando dados ao longo de todo o ciclo de vida, usando um conjunto integrado de ferramentas metodológicas, incluindo técnicas experimentais abrangentes, etnografia quantitativa e qualitativa, levantamentos, imagens cerebrais e biomarcadores. Questões e métodos são melhor concebidos e projetados em encontros colaborativos dessas redes internacionais de pesquisa.² (HENRICH; HEINE; NORENZAYAN, 2010, p. 122)

Tais redes internacionais de pesquisa são indubitavelmente de grande importância para a ciência e o conhecimento de maneira a integrar a enorme diversidade entre sul e norte global. Nesse sentido, quais têm sido os desafios inerentes a esse processo, particularmente no campo da pesquisa experimental da psicologia da música?

Desafios financeiros e estruturais

¹ *Western, Educated, Industrialized, Rich, and Democratic* [Ocidental, Educado, Industrializado, Rico e Democrático].

² “Once the behavioral sciences accept the existence – or potential existence – of broad-ranging variation among populations, we can commence with the more interesting endeavor of explaining that variation at both proximate and ultimate levels of inquiry. [...] Research programs need to increasingly emphasize large-scale, highly interdisciplinary, fully international research networks that maintain long-term, ongoing, research projects among diverse populations that collect data over the full life cycle using an integrated set of methodological tools, including wide-ranging experimental techniques, quantitative and qualitative ethnography, surveys, brain imaging, and biomarkers. Questions and methods are best devised and designed at collaborative meetings of these international research networks” (Henrich et al., 2010). [Tradução da autora.]



Recentemente, houve um evento internacional promovido pela *International Conference on Music Perception and Cognition* (ICMPC18, 2025) em São Paulo. Os valores para participar do evento, mesmo considerando-se os descontos para membros e estudantes, eram proibitivos para os parâmetros nacionais, variando de um mínimo, para estudantes membros da Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais (ABCM), de 245 reais nas datas iniciais de inscrição, até o máximo de 2.200 reais para profissionais e professores nas últimas datas de inscrição. O resultado foi a baixa participação de trabalhos brasileiros, especialmente na categoria de estudantes. Considerando-se que 52% de nossos estudantes de graduação no Brasil provêm das classes C e D (IBGE, 2022) e que o valor de uma bolsa de iniciação científica ou para permanência na universidade é de cerca de 700 reais mensais no Brasil, os valores internacionais são inalcançáveis para nossos estudantes, mesmo os bolsistas. Vale lembrar que hoje nossa população que se declara preta e parda é de 53,3% e esteve, durante centenas de anos, alijada do acesso à educação formal, realidade transformada na universidade pública na última década de ações afirmativas (PALHARES, 2024).

No campo da educação musical, muitos projetos sociomusicais (Projeto Guri, Neojibá, Instituto Baccarelli, Escola de Música da AMC – Associação do Movimento de Compositores da Baixada Fluminense, Barra Mansa, entre outros) transformaram também o acesso de estudantes desfavorecidos social e economicamente à educação de música formal, favorecendo também o ingresso desses estudantes na universidade. Estudos etnográficos e qualitativos a respeito desses projetos têm sido conduzidos no Brasil (HIKIJ, 2005; ILARI; BORTZ, 2025; KLEBER, 2006; PENNA; BARROS; MELLO, 2014; SANTOS; BRASIL, 2021; SARROUY, 2022), mas poucos estudos experimentais ou quasi-experimentais são de nosso conhecimento Bortz (BORTZ; ILARI; GERMANO; JACKOWSKI *et al.*, 2025; ILARI; BORTZ; GERMANO, 2025).

Do ponto de vista da estrutura física, em comparação com os cursos oferecidos no norte global, são poucos os laboratórios que oferecem isolamento acústico para testagem que exija atenção e aplicação de questionários, além da infraestrutura de equipamentos (transmissão, armazenamento e gravação). Além disso, tais laboratórios geralmente se encontram em escolas de psicologia e, menos frequentemente, em escolas de música. Do ponto de vista da captação financeira, as agências federais Capes e CNPq, além das agências estaduais, como Fapesp, Faperj, Fapemig, Fapema, Fapes, entre outras, oferecem a possibilidade de obter recursos para pagar bolsistas e outras despesas no levantamento e armazenamento dos dados, embora tais recursos tampouco são

comparáveis àqueles internacionais, principalmente nas áreas das ciências humanas e nas artes.

O acesso à publicação internacional é dificultado principalmente por dois principais fatores: 1) a língua franca de publicações internacionais é o inglês, e 2) as taxas de publicação são excessivas (AMANO; RAMÍREZ-CASTAÑEDA; BERDEJO-ESPINOLA; BOROKINI *et al.*, 2023; CARVALHO; LIMA; ALVES, 2025). Segundo AMANO; RAMÍREZ-CASTAÑEDA; BERDEJO-ESPINOLA; BOROKINI *et al.* (2023), um pesquisador cuja língua nativa não é o inglês gasta 91% mais tempo para ler um artigo em inglês, 51% mais para escrever, tem 2,6 vezes mais chances de ter um artigo internacional rejeitado por conta da língua, 12,5 vezes mais chances de receber solicitações de revisão e leva 94% mais tempo para se preparar para uma apresentação em conferência internacional. Logicamente, os valores gastos para revisão dos textos também encarecem ainda mais a publicação e o acesso à difusão. Segundo BUTLER; MATTHIAS; SIMARD; MONGEON *et al.* (2023, p. 778), são cinco as principais editoras com acesso aberto (*open access* – OA): “a Springer Nature obteve a maior receita com OA [acesso aberto] (US\$ 589,7 milhões), seguida pela Elsevier (US\$ 221,4 milhões), Wiley (US\$ 114,3 milhões), Taylor & Francis (US\$ 76,8 milhões) e Sage (US\$ 31,6 milhões)”.³

CARVALHO; LIMA e ALVES (2025) acrescentam, ainda, que, embora a Capes ofereça o acesso à leitura de publicações estrangeiras e tem facilitado [assim como as fundações de amparo locais] o pagamento das taxas de processamento a pesquisadores brasileiros, isso também significa que esses recursos seguem para fora do país e não retornam para subvencionar a pesquisa nacional como forma de compensação.

Veremos, a seguir, questões relacionadas à ética e adesão de participantes em pesquisas locais e internacionais.

Questões éticas e adesão

No norte global, não é incomum que os participantes das pesquisas sejam recrutados em chamadas que envolvem o pagamento de algum valor em troca. No Brasil, isso não é permitido pelos comitês de ética (BRASIL, 2021). Em alguns casos, o reembolso de transporte público é permitido aos participantes e, no caso de envolverem

³ “Among the five publishers, Springer Nature made the most revenue from OA [open access] (\$589.7 million), followed by Elsevier (\$221.4 million), Wiley (\$114.3 million), Taylor & Francis (\$76.8 million), and Sage (\$31.6 million).” (Butler et al., 2023, p. 778). [Tradução da autora.]

menores de idade, dos acompanhantes. Além disso, em nossa experiência anterior, o fator tempo no deslocamento do transporte urbano, principalmente quando envolve grandes cidades, comunidades rurais e regiões periféricas, interfere seriamente na adesão dos participantes. Apesar disso, também a partir de nossa experiência anterior, observamos que a adesão das classes mais desfavorecidas é maior do que de classes privilegiadas. Especulamos que os participantes ou pais de menores vejam a pesquisa como uma oportunidade, seja de serem ouvidos ou receberem cuidados (no caso de envolver exames ou testes psicológicos, por exemplo⁴).

Um fator, não menos importante do ponto de vista ético a ser levado em consideração, diz respeito à posicionalidade dos pesquisadores. Apesar dos avanços das ações afirmativas no ingresso de estudantes na universidade, pesquisadores ainda são eminentemente de classe média, com pouca identificação e conhecimento sobre os hábitos, valores e limitações do cotidiano das populações investigadas. Ademais, com frequência, têm pouca preocupação em retribuir ou oferecer *feedback* sobre a pesquisa. Como forma de minimizar e compensar tais efeitos, procuramos escolher examinadores ou assistentes locais com o mesmo perfil de classe da comunidade e manter interlocução com assistentes sociais das instituições locais. É importante também promover a divulgação dos resultados de forma acessível (redes sociais, filme de animação etc.). A Fapesp, por exemplo, tem possibilitado a inclusão de bolsistas de jornalismo com vistas à divulgação científica.

Além das questões estruturais e éticas apontadas acima, questões metodológicas também interpõem alguns desafios em pesquisas, especialmente envolvendo multiplicidade de centros internacionais, como discutiremos a seguir.

Questões metodológicas

Protocolos internacionais não são necessariamente adaptáveis às realidades do sul global por razões diversas e, por isso, o uso dos mesmos protocolos, questionários, inventários ou testes em países que envolvem populações não-WEIRD (HENRICH, 2020) apresentam variáveis que não necessariamente se enquadram nas expectativas de um país mais homogêneo do ponto de vista étnico, racial, econômico e social.

⁴ Uma pesquisa que nosso laboratório conduziu recentemente incluía exames de ressonância magnética. Por envolver a parceria de um hospital-escola público, uma das contrapartidas pela participação era a de, caso alguma condição médica fosse encontrada, o participante seria encaminhado à especialidade para receber o acompanhamento adequado.



Entre os desafios comumente encontrados estão entrevistas e questionários que devem ser respondidos por pais, mães, crianças ou adolescentes. Não é infrequente que tais participantes no Brasil não sejam alfabetizados, ou que apresentem analfabetismo funcional; ou seja, aquele em que se lê, mas não se compreende o que se leu. Essa não é uma situação esperada no norte global. Espera-se, assim, que os examinadores responsáveis no Brasil pela coleta possam verificar presencialmente as respostas dos participantes e se assegurar de que as questões foram corretamente respondidas. Se isso não ocorrer, apresentarão vieses muito diferentes daqueles implicados em populações do norte global.

Outra questão com a qual nos deparamos durante uma pesquisa multicêntrica sobre memória de jovens músicos foi a escolha da escala de medida socioeconômica feita pelos países do norte global⁵ (HOLLINGSHEAD, 1975). Havia, nesse questionário, a seguinte pergunta: “Quem dos seus pais mais o apoia financeiramente?” Alguns dos participantes, todos estudantes universitários, não recebiam qualquer apoio financeiro de seus pais e sustentavam sozinhos seus estudos; em alguns casos, com auxílio de bolsas de permanência estudantil. No entanto, não havia como seguir o questionário sem responder a essa pergunta, cuja resposta era binária: “pai” ou “mãe”. Ao questionar o coordenador da pesquisa, ele respondeu: “isso nunca aconteceu em nenhum outro país entre os participantes”. Ele completou dizendo que o estudo da música é muito caro, pois exige dedicação integral e, por essa razão, músicos na Europa têm origem, com frequência, em famílias abastadas.

Uma terceira questão que levantamos durante a pesquisa foi a definição dos critérios que definiam o que é um músico. Um dos critérios de inclusão no grupo de músicos era ter, no mínimo, educação formal e contínua em música por dez anos, *sem contar a formação musical no ensino básico*. No entanto, como critério de exclusão para formar o grupo de não-músicos (grupo controle), o participante não poderia ter aprendido a tocar um instrumento informalmente por mais de dois anos. Portanto, não havia a possibilidade, nesse estudo, e pelas características de formação musical no norte global, de incluir a aprendizagem informal como formação musical. Além disso, todos os participantes no norte global tinham uma formação básica em música na escola de nível fundamental e médio, o que não necessariamente ocorre no Brasil. Essas diferenças podem representar vieses diferenciais entre as populações estudadas.

⁵ O único país a participar dessa pesquisa, chamada MusicEnsemble (2023-2024) foi o Brasil, de 33 países, envolvendo o Instituto de Artes da Unesp e o Departamento de Psicobiologia da Unifesp.

Conclusão

Diante do que discutimos acima, colocamos a seguinte questão: quem são os participantes de grande parte das pesquisas experimentais ou quasi-experimentais e qualitativas que envolvem a prática e educação musical do ponto de vista cognitivo? No norte e sul global, algumas pesquisas têm sido conduzidas em projetos sociomusicais, conservatórios e escolas de música (ALEMÁN; DURYEA; GUERRA; MCEWAN *et al.*, 2017; BORTZ; ILARI; GERMANO; JACKOWSKI *et al.*, 2025; HENNESSY; SACHS; ILARI; HABIBI, 2019; HOLOCHWOST; PROPPER; WOLF; WILLOUGHBY *et al.*, 2017; ILARI; BORTZ, 2025; ILARI; BORTZ; GERMANO, 2025; ILARI; KELLER; DAMASIO; HABIBI, 2016). Tais pesquisas, no entanto, não têm alcançado outras expressões musicais ‘iletradas’, ou seja, cuja formação não é baseada em notação musical – no caso do Brasil, expressões tais como: samba, choro, rap, timbalada, maracatu, forró, xaxado, escolas de samba, que são parte fundamental da identidade brasileira e do chamado *soft power* brasileiro, conhecido internacionalmente.

Dito isso, argumentamos que modelos importados do norte global apresentam limitações metodológicas que necessitam ser avaliadas e seus modelos validados para que possamos elaborar pesquisas quantitativas (e qualitativas) futuras que abordem populações diversas em contextos fora do eixo da chamada população WEIRD que, por tradição, enxergam a educação formal e letrada como fonte universal a ser avaliada na construção de saberes e na construção cognitiva e musical.

Referências

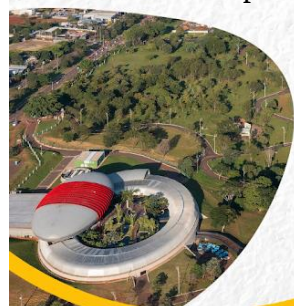
ALEMÁN, X.; DURYEA, S.; GUERRA, N. G.; MCEWAN, P. J. *et al.* The effects of musical training on child development: a randomized trial of El Sistema in Venezuela. *Prevention Science*, 18, p. 865–878, 2017. Disponível em:

<https://doi.org/10.1007/s11121-016-0727-3>

AMANO, T.; RAMÍREZ-CASTAÑEDA, V.; BERDEJO-ESPINOLA, V.; BOROKINI, I. *et al.* The manifold costs of being a non-native English speaker in science. *PLoS Biol*, 21, n. 7, p. e3002184, Jul 2023. Disponível em:

<https://journals.plos.org/plosbiology/article?id=10.1371/journal.pbio.3002184>

BORTZ, G.; ILARI, B.; GERMANO, N. D. G.; JACKOWSKI, A. P. *et al.* The impact of music education on children's cognitive and socioemotional development: A quasi-experimental study in the Guri Program in Brazil. *Plos One* (no prelo), 2025.



BRASIL. Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/HFA). 09/04/2022 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/hfa/ensino-e-pesquisa/comite-de-etica-em-pesquisa-cep-hfa-1>. Acesso em: 19 jul. 2025.

BUTLER, L.-A.; MATTHIAS, L.; SIMARD, M.-A.; MONGEON, P. *et al.* The oligopoly's shift to open access: How the big five academic publishers profit from article processing charges. *Quantitative Science Studies*, 4, n. 4, p. 778-799, 2023. Disponível em: <https://direct.mit.edu/qss/article/4/4/778/118070/The-oligopoly-s-shift-to-open-access-How-the-big>

CAMPOS, A. C. *IBGE lança mapa-múndi invertido, com o Sul no topo*. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-05/ibge-lanca-mapa-mundi-invertido-com-sul-no-topo>. Acesso em: 19 jul. 2025.

CARVALHO, M. S.; LIMA, L. D. d.; ALVES, L. C. Internationalization of scientific publishing in a multipolar world. *Cadernos de Saúde Pública*, 41, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/8WDWNsPy6C4cqpdxrPsTVHc/?lang=en>

FERES JR., J. *A história do conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. 2023. 9798574602942.

HENNESSY, S.; SACHS, M.; ILARI, B.; HABIBI, A. Effects of music training on inhibitory control and associated neural networks in school-aged children: a longitudinal study. *Frontiers in Neuroscience*, p. art. 1080, 2019. <https://www.frontiersin.org/journals/neuroscience/articles/10.3389/fnins.2019.01080/full>

HENRICH, J. *The WEIRDest People in the World: How the West Became Psychologically Peculiar and Particularly Prosperous*. Farrar, Straus and Giroux, 2020. 9780374710453. Disponível em: <https://archive.org/details/the-weirdest-people-in-the-world-how-the-west-became-psychologically-peculiar>

HENRICH, J.; HEINE, S. J.; NORENZAYAN, A. The weirdest people in the world? *Behav Brain Sci*, 33, n. 2-3, p. 61-83; discussion 83-135, Jun 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0140525X0999152X>

HIKIJ, R. S. G. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. *Horizontes Antropológicos*, 11, n. 24, p. 155-184, 2005-12 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000200008>

HOLLINGSHEAD, A. *Four-factor index of social status*. New Haven, CT: Yale University, 1975. Disponível em: <https://artlesstanzim.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/05/hollinghead-four-factors-2.pdf>

HOLOCHWOST, S. J.; PROPPER, C. B.; WOLF, D. P.; WILLOUGHBY, M. T. *et al.* Music education, academic achievement, and executive functions. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 11, p. 147-166, 2017. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2017-22467-003>

HUNTINGTON, S. P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. Penguin, 1997. 9780140267310. Disponível em:
<https://msuweb.montclair.edu/~lebelp/1993SamuelPHuntingtonTheClashOfCivilizationsAndTheRemakingofWorldOrder.pdf>

IBGE. *Censo 2022*. Brasília, DF, 2022. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/pesquisa/10102/122229>. Acesso em: April 5th, 2025.

ICMPC18. *18th International Conference on Music Perception and Cognition* - São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.icmpc2025.abccogmus.com>. Acesso em: 19 jul. 2025.

ILARI, B.; BORTZ, G. *Musicking the margins: Possible selves in Brazilian music programs*. OUP (no prelo), 2025.

ILARI, B.; BORTZ, G.; GERMANO, N. G. Locus of internal control in Brazilian young musicians. **Canadian Journal of Behavioural Science (no prelo)**, 2025.

ILARI, B. S.; KELLER, P.; DAMASIO, H.; HABIBI, A. The development of musical skills of underprivileged children over the course of 1 Year: a study in the context of an El Sistema-inspired program. *Frontiers in Psychology*, 7, 2016-February-02 2016. Original Research. Disponível em:
<https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2016.00062/full>

KLEBER, M. O. *A prática de educação musical em ONGs : dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. Orientador: SOUZA, J. V. d. 2006. (Doctor) - Educação musical, UFRGS, Porto Alebre. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/9981>.

MIGNOLO, W. D. La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad. In: LANDER, E. e CASTRO-GÓMEZ, S. (Ed.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales : perspectivas latinoamericanas*. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 55-85. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/mignolo.rtf>

PALHARES, I. Número de alunos pretos e pardos em universidades federais mais que triplica em 13 anos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, May 13, 2024 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/05/numero-de-alunos-pretos-e-pardos-em-universidades-federais-mais-que-triplica-em-13-anos.shtml#:~:text=O%20número%20de%20alunos%20pretos,instituições%20de%20ensino%20no%20período>.

PENNA, M.; BARROS, O. R. N.; MELLO, M. R. Educação musical com função social: qualquer prática vale? *REVISTA DA ABEM*, 20, n. 27, 04/09 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/161>

SANTOS, E. d. S. G.; BRASIL, A. Educação musical e projetos sociais: discutindo a relação entre música, pertencimento e demandas sociais em dois países. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 6, n. 0, p. e12479, 09/30 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmt.edu.br/index.php/campo/article/view/12479>

SARROUY, A. *Atores da educação musical: etnografia nos programas socioculturais El Sistema, Neojiba, Orquestra Geração*, 2022. 9789897557705. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/45532592/ATORES_DA_EDUCA_O_MUSICAL_DIGITAL.pdf

SKEGGS, B. *Class, Self, Culture*. Routledge, 2004. 9780415300858. Disponível em: <https://www.routledge.com/Class-Self-Culture/Skeggs/p/book/9780415300865?srsId=AfmBOonjFnsA0i7YPW9weVzKTuHDeydgnLznmhMVbep6XxP72wwYxXup>

UN. *Forging a global South*. 2004. Disponível em: <https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/migration/cn/UNDP-CH-PR-Publications-UNDay-for-South-South-Cooperation.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.

UN. *Forging a path beyond borders: the global South*. 2018. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/osg2018d1_en.pdf. Acesso em: 19 jul. 2025.

